



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da unidade de biodiesel da usina Barralcool**

Barra do Bugres-MT, 21 de novembro de 2006

Eu estou vendo que o pessoal está com fome, eu mandei retirar o discurso por escrito, que estava meio longo.

Eu quero primeiro cumprimentar o nosso companheiro, governador do estado, Blairo Maggi, e sua esposa Terezinha de Souza Maggi,

Quero cumprimentar os dois ministros que estão comigo, o ministro Silas Rondeau, de Minas e Energia, e o Paulo Sérgio, dos Transportes,

Quero cumprimentar o ministro interino do Desenvolvimento Agrário, nosso companheiro Marcelo Cardona,

Quero cumprimentar o Silval Barbosa, presidente da Assembléia Legislativa do estado do Mato Grosso,

Quero cumprimentar o desembargador José Jurandir de Lima, presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso,

O senhor João Nicolau Petroni, diretor-presidente da Usina Barralcool,

Cumprimentar nossa querida Serys,

Cumprimentar o senador eleito Jaime Campos,

Cumprimentar o senhor Aniceto de Campos Miranda, prefeito de Barra do Bugres,

Cumprimentar o deputado federal Welington Fagundes,

Cumprimentar José Luiz Olivério, vice-presidente de Operações da Udesine,

Nosso querido companheiro Ginei,

Quero cumprimentar toda a diretoria da Usina Barralcool,

Quero cumprimentar todos os prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar os acionistas da Barralcool,



Quero cumprimentar os funcionários, homens e mulheres,

Quero cumprimentar a imprensa

Quero cumprimentar cada companheiro ou companheira que está aqui presente neste evento,

Cumprimentar os nossos companheiros da imprensa para dizer para vocês que, a cada inauguração que eu vou de uma fábrica de biodiesel, eu sinto como se estivesse vendo o nascimento de um novo filho. E por que eu sinto essa sensação tão apaixonada? É porque uma nação só se constrói se ela for pensada estrategicamente a longo prazo e, lamentavelmente, durante muitos e muitos anos, o Brasil foi pensado sempre a curto prazo. Tudo era trabalhado para que começasse e terminasse nos períodos eleitorais.

O biodiesel, por exemplo, foi descoberto pelo professor Expedito Parente, em 1975, e esse projeto do biodiesel ficou perambulando pelo Brasil em muitas universidades, maquininhas pequenas de amostra. É como se fosse um bibelô na mão das pessoas. E vendia-se ilusões e mais ilusões e acontecia exatamente aquilo, Blairo, que aconteceu com você. Ninguém acreditava e eu também não acreditava. Até que um dia, numa discussão sobre a independência energética do Brasil, na época a ministra de Minas e Energia, Dilma Roussef, o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, entraram na minha sala e falaram: “Presidente, nós queríamos lhe sugerir que tomasse – isso já estava no programa de governo das eleições de 2002, mas uma coisa muito vaga – e eles me disseram: “Presidente, nós temos que fazer no seu governo a revolução da agroenergia neste País. E me apresentaram a proposta, nós construímos um grupo de trabalho que envolveu, só do governo, 12 ou 13 Ministérios, depois envolvemos representantes de empresários, de institutos de pesquisa, do movimento sindical, de empresários do campo e trabalhadores rurais.

Eu sei que quando terminou, o grupo tinha sessenta e poucas pessoas que me apresentaram o projeto. Preparamos todo o marco regulatório,



preparamos todas as dúvidas que se apresentaram durante os debates e fizemos um acordo com a indústria automobilística. O acordo é tímido, nós poderíamos agora, e eu posso dizer para vocês que nós poderemos queimar várias das etapas que estão previstas na lei que foi aprovada, que previa atendermos a B-2 até 2008, produzindo 840 milhões de litros de biodiesel, e previa a gente chegar, em 2013, a construir a B-5, que era colocar 5% de biodiesel no óleo diesel deste País.

Na minha avaliação, não sou pesquisador, não sou técnico, sou apenas um político, Blairo, hoje eu posso te dizer que, na minha opinião, o Brasil já está preparado para a B-5, para a B-10, porque tem muitos testes feitos em vários lugares deste País, onde carros já estão andando com muito mais de 10, 15 ou 20%, e não tem acontecido nada no motor. Obviamente que eu compreendo o medo da indústria automobilística e o cuidado que ela tem que ter, porque os produtos, os carros fabricados são produtos mundiais, os mesmos carros têm peças produzidas em quase todo o Planeta, então, eles têm que ter, do ponto de vista do nome deles, da qualidade deles, têm que ter a preocupação. Mas eu acho que o Brasil precisa dar um passo adiante, nós precisamos produzir um motor que não tenha medo de utilizar 100% de biodiesel, que não tenha medo de fazer o que o faz o flex-fuel, hoje, no País.

Vocês estão lembrados que, na década de 80, nós chegamos a ter quase 90% de carros a álcool no Brasil. E, um belo dia, a gente não tinha mais nada, porque a indústria não produzia mais, porque não era economicamente viável. E, do ponto de vista da matriz energética, o petróleo era tão barato que não compensava fazer nenhuma inovação para manter o carro a álcool e praticamente a indústria não produziu mais nenhum carro a álcool.

Quando nós ganhamos as eleições começamos a provocar a indústria automobilística e os usineiros deste País que produziam álcool de que era preciso voltar a produzir carro a álcool. Propostas apareceram às dezenas, desde a proposta de todos os carros públicos serem a álcool, toda a máquina



de carros dos estados ser a álcool, até a proposta de renovação da frota com a constituição de um bônus para comprar os carros velhos e vender os carros novos a álcool. Apareceram 500 propostas. Mas qual foi a proposta que a gente pode dizer revolucionária? É que a indústria automobilística descobriu que era possível produzir um carro, que hoje já não é mais flex-fuel, já tem triflex, daqui a pouco vai ter quadriflex, cinquiflex, ou seja, por quê? Porque hoje está provado que você pode utilizar álcool e gasolina do tanto que você quiser, pode usar um, pode usar outro. E isso para o povo é uma coisa extraordinária, porque tem a flexibilidade dos preços.

Hoje, Silas, eu não sei se estou com o número decorado, mas se a gasolina estiver no posto, se o álcool estiver no posto, valendo mais de 70% do valor da gasolina, não é economicamente viável colocar álcool. Então, o que nós precisamos é dar para o povo uma amostragem das possibilidades que ele tem. E, hoje, 75% dos carros produzidos no mercado interno são carros flex-fuel. E agora já tem o carro a gasolina, a álcool e agora a gás também.

Então, eu acho que o Brasil está entrando, eu diria, na sua maturidade de nação soberana. E o biodiesel é uma dessas revoluções. Eu sei da descrença de muita gente, mas faz dois anos que nós começamos esse projeto. Não tínhamos há dois anos atrás nem um posto de gasolina vendendo biodiesel. Hoje já temos 3 mil e 600 postos vendendo biodiesel. Nós não produzíamos quase nada, a não ser pequenas amostragens. Hoje já temos contratados todos os leilões para produzirmos 840 milhões de litros de biodiesel. Os agricultores familiares andavam por aí, sobrevivendo às custas de milagres. Hoje, só por conta do biodiesel, com os leilões feitos, serão 205 mil famílias com emprego garantido e, portanto, com a sustentabilidade da sua família garantida.

E nós temos que ter consciência, governador Blairo, de que o mundo não pode competir com o Brasil em se tratando de agroenergia; o mundo não tem como competir com o Brasil na produção de álcool; o mundo não tem



como competir com o Brasil na produção de biodiesel. Até tem território maior que o Brasil, a China é maior que o Brasil; a Rússia era, quando era uma só, maior que o Brasil; os Estados Unidos são maior que o Brasil. Mas, no Alasca, o que se planta lá? Aqui no Brasil, não. Nós temos oito milhões e meio de quilômetros quadrados e, coisa como a mamona, dizem que até em pedra, se a gente plantar, dá. Obviamente que a mamona tem que ser plantada numa certa altura ao nível do mar, para produzir muito mais.

Mas o dado concreto é que a gente poderia pegar uma flor como essa aqui, que a gente, antigamente, não sabia para que servia, a não ser para embelezar a natureza. Hoje a gente pode pegar a semente do girassol e dizer: daqui eu vou produzir o combustível para tocar o trator do senhor João. Qual é o país que pode competir conosco? Os Estados Unidos, para produzir álcool de milho, vão gastar três vezes mais do que nós e, se ele continuar produzindo de milho vai ser bom, porque o nosso governador Maggi vai aumentar a produção de milho aqui e vai ganhar mais dinheiro ainda, porque os americanos vão produzir biodiesel.

A mamona para o Nordeste brasileiro, a mamona para o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais; o girassol para quase todo o Brasil. Agora, o pinhão manso, que o senhor João disse que está produzindo aqui. O pinhão manso foi uma árvore utilizada para recuperar o solo de Cabo Verde, logo que os portugueses lá chegaram. Agora, a gente descobre que o pinhão manso é o irmão da mamona, mas que não tem a glicerina da mamona, que é uma árvore perene e, portanto, a gente pode produzir dele, o biodiesel. Além disso, o dendê, pelo Norte do País. Então, um país que tem as condições que tem o Brasil, além do caroço de algodão, que o Maggi produz aí, a gente vai pegar esse caroço de algodão para fazer mais óleo.

Então, meu querido Blairo, eu acho que o Brasil entrou em uma fase em que ele tem que se autodefinir enquanto nação. Você tem a oportunidade de ter um segundo mandato, eu tenho um segundo mandato. O primeiro mandato



foi para a gente arrumar a casa, porque no Brasil, normalmente, nós temos o hábito de jogar os insucessos nas costas dos outros e o sucesso nas nossas próprias costas. No Brasil é assim: a agricultura tem momentos bons, tem momentos menos bons, tem momentos que dependem da gente, tem momentos que não dependem da gente, tem momentos em que o dólar aumenta, tem momentos em que o dólar baixa, tem momentos em que o mundo produz demais e, quando o mundo produz demais, os preços caem.

E a gente, então, de vez em quando, joga a culpa toda no governo. O governo é como se fosse um pote de água benta, cabe tudo ali, e, na verdade, quando as coisas estão bem, as pessoas não falam. Por exemplo, eu não vi ninguém do café dizer que o café está bem, e está bem desde que nós entramos no governo, porque estava a 37 dólares a saca. Passamos a virar o maior exportador de carne do mundo. A indústria do álcool estava quebrada e era tratada neste País como se fosse uma prostituta. Hoje, está recuperada, os empresários com prestígio e o Presidente da República, que não tem vergonha de defender os vendedores de álcool, sai pelo mundo afora vendendo o álcool brasileiro. Eu só não vendo a alma lá fora, o território nacional e a nossa soberania. Mas, quem tiver um bom produto para vender lá fora, me dê que eu saio por esse mundo afora vendendo, porque o Brasil precisa exportar muito mais do que exporta.

Então, nós estamos com a situação extremamente favorável. A economia precisa crescer mais, é verdade, e ela só vai crescer com responsabilidade, porque se a gente acha que pode inventar uma mágica e, daqui a pouco, anunciar uma chamada mágica que a gente quebre a cara, como quebramos ao longo da história do Brasil... O Brasil já esteve, várias vezes, preparado para ser uma potência. Todo mundo ia dormir como potência e acordava de manhã sem a potência, todo mundo sabe disso. Os agricultores sabem o que foi o dólar “um por um” neste País, sabe o que foi quando mentiram ao povo brasileiro, dizendo que um real valia mais que um dólar e



que o peso argentino valia mais que um dólar. Nunca valeu. E quando as coisas se ajustaram, muita gente foi dormir rico e acordou quebrado. Então, nós não vamos brincar com a economia brasileira. Não peçam para eu anunciar mágica, eu quero anunciar seriedade, eu quero poder dizer de dia o que digo à noite. Nós não abriremos mão da responsabilidade fiscal. Este País não voltará a ser uma jogatina, este País vai ter que aprender a ganhar dinheiro produzindo com responsabilidade e fazer distribuição de renda com responsabilidade, e já está preparado para isso. Nós não temos que fazer mais nenhuma aventura. O que nós temos é que destravar o País, porque os prefeitos que estão aqui sabem que as prefeituras não têm nenhuma capacidade de investimento hoje. Aliás, eu, de vez em quando, fico perguntando: como é que alguém quer ser prefeito? Porque, às vezes, vivem apenas por conta do Fundo de Participação dos Municípios, às vezes os prefeitos não têm nem disposição de cobrar IPTU, porque só tem uma casa boa para pagar IPTU na cidade e ele tem medo de cobrar. Então, eu quero destravar.

Os estados estão quase todos quebrados, os estados não têm quase nenhuma capacidade de investimento. Se o estado não investe, o município não investe e a União não investe, quem vai investir? Ninguém vai investir. Então, eu vou me dedicar até o dia 31 de dezembro para destravar o País. Ou seja, tem algo – e não me pergunte o que é ainda, que eu não sei, e não me pergunte a solução, que eu não a tenho, mas vou encontrar – porque o País precisa crescer, porque somente o crescimento é que vai garantir o crescimento da qualidade de vida do nosso povo, vai aumentar a renda do nosso trabalhador e vai permitir que as pessoas conquistem a sua cidadania com a maturidade que nós precisamos.

E aí eu volto à questão do biodiesel. Veja, eu discuti muito, senhor João, a questão do álcool com os japoneses. Levei uma delegação de empresários para o Japão, constituímos um grupo de trabalho, lá com o Japão, e o



problema qual é? É que quando a gente transforma um produto em combustível e a gente quer colocá-lo no mercado internacional, precisa ter o máximo de seriedade. Porque na hora em que a gente se compromete a entregar um produto, e os que forem comprar de nós vão ter que entregar para os seus consumidores, aí não tem brincadeira. No Brasil nós tivemos um tempo em que as usinas que produziam álcool ou açúcar agiam, muitas vezes, de forma meio malandra. Quando o açúcar crescia no mercado internacional, diminuía a produção do álcool e aumentavam a de açúcar. Nós não podemos ser assim, porque assim nós não passamos seriedade. Nós temos que ter cotas para entregar ao mundo e a nós. E todo mundo tem que saber que, se tiver um carro a álcool, esse carro tem que ter combustível. Essa seriedade vai dar para nós muito mais possibilidades de nós vendermos do que qualquer pessoa que a gente mande viajar o mundo.

Então, nós hoje estamos com praticamente 96 usinas para serem construídas no Brasil. O mundo inteiro está de olho no álcool do nosso País e o mundo inteiro está de olho no biodiesel deste País. Se a gente tiver seriedade, o governo mantiver as políticas públicas corretas para incentivar a indústria, se a Petrobras agir corretamente, assumindo que ela é cúmplice na produção do biodiesel, a gente vai poder, em poucos anos, dizer que o mundo não será mais escravo do petróleo. E isso não é mau para a Petrobras, porque a Petrobras vai poder vender mais petróleo para fora, vai entrar na OPEP, vai ficar mais importante, vai ter mais dólar aqui dentro. E a gente vai poder andar com um carro que, quando a gente ligar o motor, vai ter um cheiro de um bife acebolado, um cheiro de óleo de soja ou um cheiro de girassol e não um cheiro de enxofre que a gente tem hoje. Ou seja, a gente vai melhorar a qualidade do produto brasileiro.

E vocês podem acreditar numa coisa: o mundo está ficando convencido disso. Quando nós começamos o biodiesel, eu me lembro de que a Petrobras, em 18 meses, inventou o H-Bio. E o que é o H-Bio? É pegar o óleo bruto, jogar



direto no óleo diesel e refinar na refinaria. Aquele óleo diesel sai sem enxofre, viu Gilnei, sem enxofre nenhum, de extraordinária qualidade. Se ele não tiver toda a viscosidade que tem que ter, a gente ainda introduz nele um pouquinho de biodiesel, e a gente vai poder vender o óleo diesel mais perfeito do mundo. E nós já temos a refinaria do Paraná preparada para isso, a refinaria de Belo Horizonte preparada para isso e a refinaria do Rio Grande do Sul preparada para isso. Logo, logo nós vamos ter todas as refinarias preparadas para isso.

E fiquem tranquilos, porque a Petrobras ainda vai construir algumas usinas de biodiesel que são estratégicas, possivelmente onde alguns empresários não queiram investir. Mas a Petrobras não vai interferir para que os nossos empresários possam investir onde bem entenderem, para que a gente possa transformar o biodiesel na matéria-prima, ou melhor, na matriz energética que dê independência ao nosso País.

Vocês vejam, por exemplo, o que aconteceu com o Brasil e com a Bolívia. O Brasil, de repente, priorizou uma matriz energética da qual não era independente, da qual nós não tínhamos auto-suficiência. Quando nós não temos auto-suficiência e o dono resolve dizer “não vou te vender”, nós ficamos com problemas. Isso vale para qualquer coisa. Se amanhã o Brasil disser “não vou vender soja para a China”, a China vai entrar numa situação difícil; se o Brasil disser “não vou vender açúcar” ou “não vou vender carne”, muitos países vão ficar prejudicados. Então, o que nós precisamos, em se tratando de energia, é ser auto-suficientes. Nós compraremos dos outros se o preço for compatível, sem que a gente abra mão daquilo que nós temos que produzir, porque energia e comida são o que garantem soberania a uma nação. Se a gente tiver o que comer e tiver energia, nós estamos tranquilos.

Eu estou orgulhoso, porque o senhor João, quando me convidou lá em Brasília, todo entusiasmado, em um leilão que houve lá, “o senhor vai ter que conhecer a Barralcool”, eu falei: eu vou lá conhecer. Aí aconteceu que juntou a fome e a vontade de comer. O Blairo foi a Brasília na semana passada e falou:



“Lula, vamos lá visitar o projeto”. E eu quero dizer, senhor João, que estou orgulhoso de ver um homem com mais de 30 anos, como o senhor, com o entusiasmo de um moleque de 40, disposto a investir muito mais. Silas, ele está se queixando que precisa de mais leilões, porque ele quer fazer mais empresas de biodiesel. Pode ficar certo de que vai ter.

Eu acho que, para o Brasil agrícola e para o Brasil industrial, esse programa de agroenergia vai permitir que a gente produza energia de madeira, vai permitir que a gente produza de bagaço de cana, de qualquer coisa. Nós temos que criar quantos institutos de tecnologia avançada forem necessários para que o Brasil ganhe cada vez mais espaço e cada vez mais credibilidade.

Eu quero dizer para vocês que só teve sentido eu me reeleger presidente da República, e só fui candidato por isso, porque eu queria provar, da mesma forma que eu provei que era possível cuidar dos pobres e consertar a economia, eu agora quero provar que é possível este País dar um salto de qualidade, crescer muito mais, distribuir muito mais renda, melhorar a vida e nós, brasileiros, pararmos de ser céticos. Nós, brasileiros, às vezes gostamos de fazer piada com a nossa própria desgraça. Mas a gente, de vez em quando, se esquece do potencial deste País. Este País não é exportador de soja apenas, este País exporta avião para o mundo inteiro. Não tem nenhum sistema financeiro mais perfeito do que o nosso. Está certo que ganham pouco demais com os juros mas, também, nós vamos ter que acertar essa situação. Mas o Brasil, hoje, é um país preparado. É com esse otimismo que eu quero começar o segundo mandato.

Eu estou me dedicando, neste mês de novembro e neste mês de dezembro, para ver se eu pego todos os entraves que eu tenho com o meio ambiente, todos os entraves com o Ministério Público, todos os entraves com a questão dos quilombolas, com a questão dos índios brasileiros, todos os entraves que a gente tem no Tribunal de Contas, para tentar preparar um pacote, chamar o Congresso Nacional e falar: “Olha, gente, isso aqui não é um



problema do presidente da República, não. Isso aqui é um problema do País”. Eu não quero saber se você é do PFL, do PSDB, do PT, eu não quero saber. Eu quero saber o seguinte: este País precisa de todos nós. Então, na hora de votar as coisas importantes, é preciso parar com a questão partidária, onde o PT fala: eu não faço porque eu sou defensor não sei de quem. Aí o PFL fala: eu não faço porque eu sou contra o governo.

Na hora em que o Brasil estiver em jogo, como é que a gente vai construir as termelétricas? A gente vai produzir energia do quê, neste País? Porque as pessoas não querem que a gente use carvão, as pessoas não querem que a gente faça termelétrica, as pessoas não querem usina nuclear, e não têm dimensão do preço da eólica, do custo da termelétrica a óleo diesel.

Então, o que nós precisamos, e aí eu quero defender a nossa querida companheira Marina, porque a Marina tem uma coisa que é o seguinte, ela fala: eu não estou aqui para proibir fazer, eu estou aqui para tentar discutir como fazer melhor, sem prejudicar o meio ambiente. Acontece que a legislação aprovada por nós – e eu já fui deputado – a gente coloca um item lá que se o cidadão do Ibama der uma licença prévia e tiver um problema de acusação contra ele, os bens dele são indisponibilizados. Então, ele tem mais é que cuidar de dizer: “Eu não vou liberar. E se eu for preso, quem vai pagar advogado para mim?”. Porque é assim, a gente faz as coisas desconfiando um do outro.

Então, Blairo, certamente, querido, nós vamos precisar do apoio dos 27 governadores, vamos precisar do apoio dos 81 senadores, vamos precisar do apoio dos 513 deputados. Não é que eu não quero que as pessoas votem contra, alguns podem votar. Mas o dado concreto é que a gente tem que medir quando é o Brasil que está em jogo ou quando é a eleição que está em jogo; quando é o Brasil que está em jogo ou quando é a pirraça eleitoral que está em jogo.

Essas coisas incomodam. A Lei Geral da Micro e Pequena Empresa



ficou quase dois anos para ser votada. O Fundeb, que é o Fundo Nacional da Educação Básica, que vai introduzir 5 bilhões a mais na Educação, está há dois anos para ser votado. Esse não é um problema meu, não sou eu que sou prejudicado, prejudicadas são as crianças que vão entrar na escola.

Então, Blairo, nós vamos ter que trabalhar em harmonia mesmo. Vamos ter que trabalhar em harmonia, vamos desafiar os empresários brasileiros às boas causas e aos bons investimentos. Vamos desafiar os Poderes Executivos municipal e estadual a trabalharem juntos. Vamos desafiar o Congresso Nacional a trabalhar com aquilo que são as propostas de interesse do Brasil.

E eu não vejo porquê, gente. Eu me deito, todo santo dia, e fico pensando no que acontece neste País, e eu não tenho como deixar de acreditar que o Brasil depende só de nós. O Brasil não depende de capital estrangeiro, o Brasil depende da decisão nossa de querer fazer o que nós temos que fazer. Construir a BR-158, aqui, não depende de nenhum gringo, depende de nós, no Brasil; construir a 163 depende de nós, no Brasil, depende de fazê-las com a força que nós queremos fazer.

Portanto, eu quero dizer para vocês: seu João, foi uma alegria comparecer à Barralcool, foi uma alegria. Vou sair daqui com fome, mas foi uma alegria. Segundo – um dia o senhor me paga um jantar ou um almoço – foi uma alegria, Blairo, poder passar esses dois dias, comer um carneirinho ontem – ninguém é de ferro, não é? – foi uma alegria, Blairo, poder conviver um pouco mais de perto com a sua família. E eu acho que é essa a relação que nós temos que ter. Afinal de contas, nós somos passageiros neste País. Na política, nós somos passageiros e, na vida, nós também somos passageiros. O que vai contar depois não é o tempo que a gente viveu ou o tempo de mandato que a gente teve. O que vai ficar para a história são as coisas boas que nós fizemos.

Então, eu vou terminar com uma coisa que eu disse aqui. Eu e Blairo só precisamos de uma coisa: deixa a gente trabalhar, que as coisas vão acontecer.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Porta-Voz
Discurso do Presidente da República**

Leia o release sobre este assunto:

<http://www.info.planalto.gov.br/download/notas/REL211106-1.DOC>